

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
A CINEMATECA COM A FESTA DO CINEMA ITALIANO – PASOLINI REVISITADO  
5 e 20 de Abril de 2022

## IGNOTTI ALLA CITTÀ / 1958

*um filme de Cecilia Mangini*

*Realização e argumento:* Cecilia Mangini / *Comentário:* Pier Paolo Pasolini / *Fotografia (16mm, cor):* Marco Volpi / *Música:* Massimo Pradella / *Montagem:* Renato May / *Produção:* A. Carella (Itália) / *Cópia:* Betacam digital, cor, versão original legendada eletronicamente em português / *Duração:* 11 minutos / *Estreia Mundial:* data não identificada / *Primeira exibição na Cinemateca:* 29 de Março de 2006, Ciclo “Pier Paolo Pasolini: O Sonho de uma Coisa”.

## II PRATONE DEL CASILINO / 1996 “O Prado de Casilino”

*Um filme de Giuseppe Bertolucci*

*Argumento:* Giuseppe Bertolucci, livremente adaptado de um trecho do romance “Petróleo”, de Pier Paolo Pasolini / *Imagens (Betacam, cor):* Paolo Ferrari / *Montagem:* Fiorella Giovannelli / *Som e supervisão técnica:* Adriano Schrade.

*Produção:* Pio Bordonni, Marina Cortesi / *Cópia:* digital, versão original com legendas eletrônicas em português / *Duração:* 43 minutos / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca:* 21 de Abril de Abril de 2006, no âmbito do ciclo “Pier Paolo Pasolini – o Sonho de uma Coisa”.

Duração total da projeção: 54 minutos.

\*\*\*\*\*

É forte a relação da obra de Cecilia Mangini com a de Pier Paolo Pasolini. **Ignoti Alla Città** (1958), o filme de estreia de Mangini, à qual dedicámos uma recente retrospectiva, ou a sua curta-metragem **La Canta Delle Marane** (1960), utilizam as palavras de Pasolini como fundo poético para as imagens da explosão de energia associadas ao retrato de grupos de jovens rapazes que habitam os subúrbios da cidade de Roma. A estes admiráveis filmes de Mangini que contam com textos de Pasolini, poderíamos ainda acrescentar o magnífico **Stendali (Suonano Ancora)** (1960) que aborda a questão da morte através do registo de rituais fúnebres ancestrais. Já outro filme posterior, **Comizi d’Amore’80** (1982), inscreve-se declaradamente na continuação de um filme realizado por Pasolini cerca de vinte anos antes, que tinha esse mesmo título de **Comizi d’Amore** (1964), e interrogava o que, em meados dos anos sessenta, os italianos pensavam sobre a sexualidade na sua relação com o quotidiano.

Independentemente desta colaboração tantas vezes citada, que acontece antes do próprio Pasolini se tornar realizador, **Ignoti alla Città**, **La Canta delle Marane** ou **Stendali** estão entre os mais belos filmes de Cecilia Mangini, anunciando a força e o talento único de uma cineasta no modo como usa todas as possibilidades do cinema e da sua linguagem para exprimir uma visão do mundo muito particular. É esta visão subjectiva do mundo que faz de Mangini um dos maiores nomes do cinema italiano, e em concreto do documentário italiano, onde na década de cinquenta foi a primeira

mulher a assumir a realização num momento em que vários outros realizadores experimentavam um “género” estimulado por políticas governamentais. Pensamos imediatamente nos documentários que Vittorio De Setta assinava em meados dos anos cinquenta, os seus primeiros filmes de cariz mais etnográfico centrados numa Itália tradicional e em desaparecimento – questão que a própria Mangini irá registar de modo extremamente pessoal –, mas pensamos também no posterior De Setta, na sua transição para a ficção, em que revela muitos daqueles invisibilizados pela sociedade, filmes já mostrados na Cinemateca noutra ocasião. A obra de Mangini surgia assim lado a lado com esta ou a de outros grandes realizadores italianos que, prolongando uma vertente realista, davam os primeiros passos num cinema de ficção, anunciando também a futura obra cinematográfica de Pasolini (o caso de **Accattone** é o mais evidente).

Partindo do texto do romance *Ragazzi di Vita*, que Pasolini publica em 1955, **Ignoti alla Città** (ou mesmo **La Canta delle Marane**), no seu retrato dos rapazes da periferia romana, não se adequa a nenhum género em particular, mas a um cinema-poesia que aborda questões controversas para uma sociedade em profunda mutação, ao dar a voz (e a imagem) aos marginalizados por essa mesma sociedade, o que se traduziu no destino de invisibilidade destes mesmos filmes. Apostando na transfiguração do real filmado, de **Ignoti alla Città** sobressai o profundo sentido de ritmo do cinema de Mangini, em que o trabalho de montagem, realizado com a colaboração de Renato May, assenta numa inspirada combinação entre a torrente de palavras ditas em off, a música do vanguardista compositor italiano Egisto Macchi – que acompanhará grande parte da obra posterior de Mangini –, e a precisão e beleza das imagens registadas por uma cineasta com um profundo sentido fotográfico.

Sobressai também o carácter e o valor de presença daqueles que são retratados e a empatia entre quem filma e quem é filmado, bem como a sensualidade e a beleza dos rostos e dos corpos dos jovens rapazes, que Mangini nos devolve em todo o seu esplendor. **Ignoti alla Città**, como **La Canta delle Marane**, são daqueles filmes para os quais as palavras ficam sempre aquém da sua experiência, filmes que apelam sobretudo a outros filmes, e que nos fazem sentir mais próximos da essência das coisas e da beleza do mundo. É essa a força do cinema de Mangini.

Joana Ascensão

(texto originalmente escrito para acompanhar a projecção conjunta de vários filmes de Cecilia Mangini, entre os quais **Ignoti alla Città**)

\*\*\*\*\*

Irmão mais novo do realizador de **Prima della Rivoluzione**, autor de diversos filmes, entre os quais o belo **Oggetti Smarriti** (1980) e um **Pasolini prossimo nostro** (1980), Giuseppe Bertolucci (1947-2012) transcreveu em **Il Pratone del Casilino** a adaptação teatral que foi fita de um trecho de **Petróleo**, a última obra narrativa de Pasolini. Vasto romance de quase seiscentas páginas que ficou inacabado, **Petróleo** só foi publicado em 1992 (a tradução portuguesa data de 1996), dezassete anos depois da morte de Pasolini. Numa carta de Janeiro de 1975, Pasolini indicava que começara “*um livro que vai ocupar-me por vários anos, talvez pelo resto da minha vida. Será uma súmula de todas as minhas experiências e todas as minhas lembranças*”, para a qual previa cerca de duas mil páginas. “*Neste livro estarão todos os problemas da vida italiana dos últimos vinte anos, a crise da nossa república, com o petróleo ao fundo, como o grande protagonista da divisão internacional do trabalho*”. Tudo o que Pasolini escreveu para

este livro foi reunido em cento e trinta e três fragmentos (“apontamentos”). Alguns críticos foram de opinião que por ser inacabado o livro era incompreensível e não deveria ter sido publicado. Seja como for, não se pode esquecer que **Petróleo** estava muito longe de estar pronto. O monólogo que vamos ver é o Apontamento 55 do livro, no qual o protagonista narra as relações sexuais que teve com vinte *ragazzi di vita* numa só noite, em troca de algumas liras. Foi encenado pela primeira vez em Roma em 1994, pela companhia La Famiglia delle Ortiche e Giuseppe Bertolucci transcreveu esta montagem cuidadosamente em estúdio. Tudo se concentra no ator, que domina totalmente o texto e o espaço. Não tendo sido destinado a ser lido em voz alta, o texto se transfigura e quase muda de sentido ao ser transformado em teatro: aqui, os rapazes do povo que habitam os romances, os filmes e a vida de Pasolini não têm rostos nem corpos, só o protagonista existe e a sua auto-flagelação verbal ilustra a amargura e o desespero de Pasolini no seu período final, tão intensos que o levaram a “*abominar*” os corpos que tanto amara. Este trabalho de Giuseppe Bertolucci é um importante documento na vasta *pasoliniana* que se desenvolve desde o homicídio do homem que numa entrevista dada algumas horas antes de ser assassinado declararia: “*Sinto saudades da gente pobre que lutava contra o patrão, porém sem querer transformar-se em patrão!*”, antes de concluir: “*Estamos todos em perigo*”.

Antonio Rodrigues